

EVOLUÇÃO

LA



6 Anos.

A mesma essência.



Coordenaram esta edição: Manuel Francisco Neto / Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco / Vilma Maria da Silva

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/2675-2573.rpe.63>

Editor Responsável: Antônio Raimundo Pereira Medrado
Editor correspondente (ANGOLA): Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Antônio Raimundo Pereira Medrado
Isac dos Santos Pereira
José Wilton dos Santos
Vilma Maria da Silva

Coordenação editorial (Angola):

Manuel Francisco Neto
Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Dr. Adefilson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Bianca de Assis Pirahy
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Me. Edson da Conceição Graça (Angola)
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto (Angola)
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco (Angola)
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza
Prof. Me. Tavares dos Santos Muhongo (Angola)
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo
Prof. Me. Wilder Dala Quinjango (Angola)

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Prof. Dr. Adefilson Batista Lins
Profa. Bianca de Assis Pirahy
Prof. Dr. Isac Chateaneuf
Jornalista João Domingos Terin (William Terin)
Profa. Ma. Cleia Teixeira da Silva
Prof. Me. José Wilton dos Santos
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza

Web-edição:

T.I Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuefrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 7, n. 63 (fev. 2026). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2026. 208 p. : il. color

Bibliografia

Publicação contínua desde 2020.

Bimestral

e-ISSN 2675-2573

Disponível apenas online.

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.63

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

Em parceria com:



São Paulo | 2026

Publicada no Brasil por:

Livro Alternativo
www.livroalternativo.com.br
CNPJ: 28.657.494/0001-09

05 EDITORIAL

Antonio R P Medrado

Isac Chateaufeuf

07 ESPECIAL

12 POIESIS

J. Wilton

ARTIGOS

1. A CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA E SEUS IMPACTOS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Adriana Pereira Santos da Silva 19
2. GARATUJAS E A CONSTRUÇÃO DO DESENHO INFANTIL COMO LINGUAGEM
Adriana Silva de Santana Barros 26
3. MATERIAIS DE LARGO ALCANCE: DO CESTO DE TESOUROS À CONSCIÊNCIA AMBIENTAL
Amanda Zuza dos Anjos 31
4. DAS PÁGINAS AUSENTES AOS FUTUROS POSSÍVEIS: LITERATURA NEGRA, ACERVOS ESCOLARES E A EMERGÊNCIA AFROFUTURISTA COMO PROJETO DE MUNDO
Bianca de Assis Pirahy 41
5. A UNIÃO: O CONCEITO MATEMÁTICO COMO FUNDAMENTO FILOSÓFICO PARA A AGREGAÇÃO SOCIAL HARMÔNICA NO INSTITUTO DE CIÊNCIAS DE SAÚDE DA UNIVERSIDADE AGOSTINHO NETO
Calunda dos Santos Jorge / Júnior Zacarias Miguel Paca 45
6. PERFIL DO CONSUMO DE MEDICAMENTOS EM ESTUDANTES DO CURSO DE CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - ICISA NO SEGUNDO SEMESTRE DE 2024
Capuma Ernesto Eduardo / Wilson Valdemar Gomes Anilba 50
7. AS CEM LINGUAGENS DA CRIANÇA: REGGIO EMILIA EM FOCO
Cícera da Silva Ramos 55
8. O BRINCAR COMO EIXO ESTRUTURANTE DO CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Cláudia Reolo da Silva Ferreira 62
9. LETRAMENTO MATEMÁTICO: DESENVOLVENDO A COMPREENSÃO E A APLICAÇÃO COTIDIANA NO ENSINO FUNDAMENTAL
Denise Teixeira Santos Menezes 68
10. CONSEQUÊNCIAS DO ANALFABETISMO CIENTÍFICO NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR ANGOLANO. UM ESTUDO REALIZADO NA COMUNIDADE ACADÊMICA DO ISIA E DO IDERO – 2025/2026
Edson da Conceição Graça 76
11. DA GARATUJA À ESCRITA: RELAÇÕES ENTRE DESENHO, LINGUAGEM E ALFABETIZAÇÃO INICIAL
Elizabeth Aparecida Feitosa Lima 83
12. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E TEA
Flávia de Fatima Seraphim Ribeiro 89
13. A IMPORTÂNCIA DA ROTINA ESCOLAR PARA ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA
Joice de Andrade Silva 97
14. LIMITAÇÕES DA NOVA GESTÃO PÚBLICA NA REFORMA DO SETOR PÚBLICO ANGOLANO: EVIDÊNCIAS DO SIAC CACUACO
José Manuel dos Santos 103
15. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Leandro de Almeida Oliveira 108
16. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E DESENVOLVIMENTO INTEGRAL NO BERÇÁRIO I: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA
Lilian Silvana Minho Zanetta 115
17. PSICOPEDAGOGIA, INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL: UM DIÁLOGO CONTEMPORÂNEO ENTRE TEORIA E PRÁTICA
Luciane de Jesus Mineiro de Lima 121
18. IMPACTO DA MOTIVAÇÃO NO DESEMPENHO ORGANIZACIONAL. ESTUDO REALIZADO NO INSTITUTO POLITÉCNICO NO 131-LUBANGO
Lucoque Bernardo 128
19. PREVALÊNCIA DE DEPRESSÃO EM ANGOLA: O CASO DOS RECLUSOS ATENDIDOS NO HOSPITAL PENITENCIÁRIO PSIQUIÁTRICO
Manuel Paulo Chamorro 135
20. ENTRE AUTONOMIA E NORMATIZAÇÃO: METODOLOGIA ELOS – CONSTRUINDO COLETIVOS
Marcelo Cunha 144
21. A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE LETRAS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS
Marli Aparecida Rosa 161
22. EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA
Maria de Lourdes Ferreira da Silva 167
23. A INCLUSÃO DO ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN
Orlaneide Ferreira Santos Diamante 173
24. A EDUCAÇÃO PSICOMOTORA COMO BASE DAS APRENDIZAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Paula Dulcídio Rosseto 179
25. O PANINHO DE APEGO COMO PRIMEIRO BRINQUEDO: REFLEXÕES A PARTIR DA PEDAGOGIA MONTESSORI
Renata da Costa Braz 186
26. MOVIMENTO E INFÂNCIA: A IMPORTÂNCIA DA MOTRICIDADE NO COTIDIANO ESCOLAR
Simone Gomes de Macêdo Miranda Ferreira 193
27. TEORIA DE ACEITAÇÃO DA AUTORIDADE NAS ORGANIZAÇÕES ANGOLANA
Ucaca Venâncio António 200

ENTRE AUTONOMIA E NORMATIZAÇÃO: METODOLOGIA ELOS - CONSTRUINDO COLETIVOS

Marcelo Cunha¹

RESUMO: Com o objetivo de analisar os discursos presentes no Guia do Componente Escolar – Elos Construindo Coletivos (BRASIL, 2025), a partir da arqueologia do saber, na perspectiva de Michel Foucault, essa pesquisa toma como categorias analíticas as noções de conjugação, justaposição e conciliação entre discursos. Compreendendo o discurso como prática histórica, regulada por regras de formação e atravessada por relações de poder, o estudo investiga os modos pelos quais distintas racionalidades pedagógicas são mobilizadas no documento. Os resultados evidenciam a predominância de uma conjugação discursiva entre enunciados de matriz construtivista, que enfatizam a colaboração, o desenvolvimento de habilidades sociais e o fortalecimento do sentimento de pertencimento, e discursos de orientação comportamentalista, voltados à normatização das condutas, ao cumprimento de regras e à autorregulação dos sujeitos. Identifica-se, ainda, a presença de justaposições discursivas cujas tensões se mostram tênues, uma vez que os enunciados potencialmente divergentes são apresentados de forma complementar, sem rupturas significativas no plano argumentativo. Observa-se também a conciliação discursiva como estratégia recorrente, por meio da qual conceitos como autonomia, participação e cooperação são reconfigurados para se adequarem a uma lógica normativa, produzindo um efeito de coerência e consenso institucional. No âmbito dos objetivos da Metodologia Elos, destaca-se a centralidade atribuída ao desenvolvimento de habilidades sociais e ao fortalecimento dos vínculos coletivos, compreendidos como fatores de proteção que podem contribuir para a prevenção de problemas relacionados ao uso de substâncias. Conclui-se que o guia opera como uma tecnologia discursiva de governo das condutas, articulando diferentes discursos pedagógicos na produção de sujeitos colaborativos, autorregulados e socialmente ajustados às racionalidades educacionais vigentes.

Palavras-Chave: Análise do discurso. Arqueologia do saber. Discursos pedagógicos. Metodologia Elos. Prevenção.

UMA LEITURA FOUCAULTIANA DOS DISCURSOS PEDAGÓGICOS NO GUIA DO COMPONENTE ESCOLAR DA METODOLOGIA ELOS - CONSTRUINDO COLETIVOS.

A Metodologia Elos – Construindo Coletivos configura-se como uma proposta pedagógica e socioeducativa voltada à promoção de habilidades sociais, ao fortalecimento de vínculos e à prevenção do uso de álcool e outras drogas na infância. Destina-se a crianças de 6 a 10 anos, matriculadas do 1º ao 5º

ano do Ensino Fundamental I, articulando educação, saúde e cidadania a partir de práticas lúdicas, cooperativas e contextualizadas ao cotidiano escolar.

“Trata-se de uma metodologia de promoção e fortalecimento de habilidades sociais e prevenção do uso de álcool e outras drogas para crianças de 6 a 10 anos, estudantes do 1º ao 5º anos do Ensino Fundamental I.” BRASIL 2025 p.8

¹ Mestre em Ensino e História da Ciência pela Universidade Federal do ABC, UFABC. Graduado em Licenciatura Plena em Ciências e Química pela Faculdade de São Bernardo do Campo, FASB, e em Pedagogia pela Universidade Cruzeiro do Sul, UNICSUL. Interlocutor dos Programas de Prevenção na Diretoria Regional de Ensino de São Mateus, DRESM. Professor de Ensino Fundamental II e Ensino Médio na Prefeitura Municipal de São Paulo, SME, PMSP.

A Metodologia Elos não se orienta por uma abordagem objetiva ou informativa acerca de substâncias psicoativas junto às crianças e seus familiares. Em nenhum momento de sua proposta pedagógica são trabalhados conhecimentos específicos sobre tipos de substâncias, formas de uso, efeitos farmacológicos ou problemas diretamente relacionados ao consumo. Tal escolha metodológica não representa uma lacuna, mas uma decisão teórico-pedagógica coerente com os fundamentos que sustentam a metodologia.

O foco da Metodologia Elos concentra-se exclusivamente no campo do desenvolvimento humano e relacional, priorizando o fortalecimento de habilidades sociais, comunicacionais e comportamentais.

Nesse sentido, as ações propostas buscam favorecer a construção da autonomia dos sujeitos, a ampliação da capacidade de tomada de decisões responsáveis e o exercício do diálogo, da escuta e da cooperação. A metodologia aposta na criação de ambientes educativos que promovam vínculos positivos, confiança mútua e o sentimento de pertencimento aos grupos e às comunidades das quais os participantes fazem parte, por meio de um conjunto de ações intersetoriais, mobilizando saúde e educação.

Assim, a Metodologia Elos compreende que a prevenção e a promoção do bem-estar não se dão por meio da transmissão de informações sobre substâncias, mas pelo investimento sistemático em competências socioemocionais e em processos educativos que fortaleçam o protagonismo, a convivência e a responsabilidade coletiva.

Metodologia Elos – Construindo Coletivos Terceira Edição, enquanto política pública, fundamenta-se em princípios norteadores que expressam o compromisso do Estado com a promoção de direitos, a equidade social e a prevenção ampliada de vulnerabilidades no contexto escolar.

Sua concepção ultrapassa uma abordagem restrita à prevenção do uso de substâncias psicoativas, assumindo um caráter estruturante de enfrentamento às desigualdades históricas e às

opressões que atravessam a sociedade brasileira, em especial o racismo e o sexismo. Por compreender que os problemas com o uso de substâncias muitas vezes podem ser potencializados pelas questões raciais e de gênero, no viés cultural e no contexto socioeconômico.

Nesse sentido, a metodologia incorpora de forma explícita a perspectiva antirracista como eixo transversal, alinhando-se à intencionalidade da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas e Gestão de Ativos (SENAD) de integrar as discussões sobre equidade e justiça racial em todas as suas ações.

Tal diretriz reafirma o papel das políticas públicas educacionais e de saúde na defesa das infâncias, reconhecendo que determinados desfechos negativos — como violências simbólicas, exclusões e desigualdades de oportunidades — são frequentemente naturalizados em contextos marcados por assimetrias estruturais.

“Assim, esta edição da Metodologia Elos reflete a intencionalidade da Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas e Gestão de Ativos (Senad) de que as discussões sobre equidade e justiça racial sejam transversais a todas as suas ações. A Metodologia Elos é uma proposta de prevenção não apenas ao consumo de substâncias psicoativas, mas também de prevenção a outros desfechos negativos e desdobramentos, por vezes, naturalizados na ótica de uma sociedade desigual e que carrega opressões como elemento fundante.” (BRASIL, 2025, p. 10).

A metodologia estrutura-se em dois componentes estratégicos e interdependentes porém correlacionados: o Componente Escolar e o Componente Familiar e Comunitário, que se complementam na perspectiva da proteção integral da criança e do fortalecimento das redes de pertencimento.

No Componente Escolar, as ações são conduzidas por profissionais da educação junto às turmas participantes, tendo como principal instrumento o Jogo Elos, desenvolvido em sala de aula. Durante as partidas, as crianças realizam atividades pedagógicas rotineiras organizadas em equipes heterogêneas, seguindo critérios de diversidade e orientadas por acordos de convivência previamente construídos de forma coletiva.

“As atividades do Componente Escolar se referem à condução do Jogo Elos em sala com as/os estudantes. Durante as partidas, as crianças realizam atividades pedagógicas rotineiras em equipes organizadas de acordo com alguns critérios, seguindo quatro acordos do jogo, trabalhados previamente em sala de aula.” BRASIL 2025 p.8

O objetivo central desse componente é fomentar o engajamento, a cooperação e a melhoria da qualidade das interações escolares, contribuindo para a redução de conflitos e desgastes em sala de aula, ao mesmo tempo em que se fortalecem habilidades socioemocionais essenciais ao processo de ensino-aprendizagem, tendo como foco a compreensão de que o cumprimento de acordos traz benefícios coletivos dentro e fora do ambiente escolar.

Os quatro acordos do Jogo Elos organizam a convivência e regulam as condutas das crianças no contexto pedagógico. Escutar quando alguém está falando estrutura a circulação da palavra e promove o respeito mútuo; usar palavras e gestos respeitosos normatiza as interações verbais e corporais; cuidar do espaço e dos materiais estimula a corresponsabilidade pelo ambiente coletivo; e seguir as regras do jogo reforça a adesão às normas comuns.

Em conjunto, esses acordos funcionam como dispositivos pedagógicos de autorregulação, favorecendo a cooperação, o pertencimento e a internalização de comportamentos socialmente ajustados.

O objetivo do Jogo Elos não se orienta pela lógica da competição entre indivíduos ou equipes, mas pela promoção de práticas colaborativas no contexto educativo. Nessa perspectiva, a conquista alcançada por uma ou mais equipes não é compreendida como um resultado excludente ou hierarquizante, mas como um êxito coletivo, compartilhado e celebrado por toda a turma.

Tal dinâmica contribui para o fortalecimento do espírito de grupo, ao deslocar o foco do desempenho individual para a construção conjunta de resultados, além de favorecer o desenvolvimento do sentimento de pertencimento dos participantes.

Dessa forma, o Jogo Elos se configura como uma estratégia pedagógica que valoriza a cooperação, a interdependência positiva e a coesão do coletivo, elementos fundamentais para a promoção de ambientes educativos mais inclusivos e solidários.

O Componente Familiar e Comunitário, por sua vez, é composto por três encontros realizados ao longo do ano letivo com a participação das crianças e de suas famílias, mediados por profissionais das áreas da Educação e da Saúde. Essa dimensão amplia o alcance da metodologia para além da escola, promovendo o diálogo intersetorial e o fortalecimento das redes de proteção social.

“O objetivo deste componente é contribuir para o fortalecimento do sistema de garantia de direitos, bem como das redes de proteção e pertencimento das crianças participantes da proposta.” BRASIL 2025 p.8

Do ponto de vista teórico-pedagógico, a Metodologia Elos fundamenta-se na utilização de jogos cooperativos como estratégia de mediação das relações sociais, alinhando-se às contribuições de Jean Piaget sobre o desenvolvimento infantil, especialmente no estágio das operações concretas.

Nesse período, a criança desenvolve a capacidade de cooperação, coordenação de ações coletivas e compreensão do ponto de vista do outro, aspectos essenciais para a convivência democrática.

“A partir desta etapa, o pensamento da criança evolui para situações cada vez mais concretas (...) A criança neste momento adquire a capacidade de realmente cooperar, isto é, operar em conjunto, consegue coordenar suas atividades com as das outras crianças e conversar, admitindo e entendendo o ponto de vista de outras pessoas.” BRASIL 2025 p.9

O Jogo Elos, enquanto materialização prática da metodologia, torna lúdico e significativo o compromisso com regras de convivência coletiva, favorecendo aprendizagens que consideram o bem comum como valor transversal. Sua implementação ocorre de forma concomitante aos conteúdos curriculares, sem substituí-los, mas qualificando o ambiente pedagógico.

A metodologia organiza-se a partir de quatro elementos centrais: os Acordos Elos, que orientam uma convivência colaborativa; as Equipes

Diversificadas, heterogêneas, formadas com critérios de gênero, raça, habilidades sociais e comunicacionais pré-existentes e desenvolvimento cognitivo e outras dimensões da diversidade; as Devolutivas Instrutivas, que sinalizam as quebras de acordos de maneira descritiva e respeitosa; e o Reconhecimento, entendido como ferramenta fundamental para a consolidação de comportamentos cooperativos e habilidades de vida.

“A valorização e o elogio são as ferramentas mais eficazes da metodologia para consolidar comportamentos de cooperação e demais habilidades de vida.” (JOHANSSON et al., 2020; LORENZO et al., 2018). BRASIL 2025 p.465

Dessa forma, a Metodologia Elos – Construindo Coletivos afirma-se como uma estratégia integrada de promoção do desenvolvimento integral da criança, articulando práticas pedagógicas, fundamentos teóricos do desenvolvimento humano e ações intersectoriais. Ao priorizar a cooperação, o diálogo e o reconhecimento, contribui para a construção de ambientes escolares mais democráticos, inclusivos e socialmente comprometidos (JOHANSSON et al., 2020; LORENZO et al., 2018) p. 479.

O presente estudo parte do pressuposto de que a Metodologia Elos pode ser compreendida como um discurso interdisciplinar, constituído a partir da conjugação, justaposição e conciliação – nem sempre isenta de tensões – de discursos pré-existentes oriundos dos campos da Educação e da Psicologia da Educação, os quais transitam no domínio da Ciência da Prevenção. Visando especificamente o desenvolvimento de habilidades sociais, promover o sentimento de pertencimento, fatores estes compreendidos como estratégia de prevenção a possíveis problemas futuros relacionados ao uso de substâncias lícitas e ilícitas.

Tal compreensão permite situar a Metodologia Elos não como um constructo teórico homogêneo ou fechado em si mesmo, mas como um arranjo discursivo híbrido, historicamente situado, que dialoga com diferentes matrizes epistemológicas e pedagógicas.

Nesse sentido, a análise do discurso da Metodologia Elos revela-se uma estratégia analítica

relevante, na medida em que possibilita compreender não apenas suas potencialidades e limites, mas também os modos pelos quais esse discurso se articula, se diferencia e, por vezes, se contrapõe a outros discursos externos a ele, especialmente aqueles que disputam sentidos no campo da prevenção, da educação e da formação de sujeitos.

A investigação discursiva permite, assim, evidenciar os fundamentos implícitos que orientam práticas, objetivos e modos de intervenção propostos pela metodologia.

Como hipótese central deste estudo, considera-se que o discurso da Metodologia Elos incorpora elementos oriundos do comportamentalismo, em especial da tradição skinneriana, ao enfatizar a aprendizagem de habilidades sociais e comportamentais por meio da modelagem, do reforço positivo e da observação de comportamentos socialmente desejáveis.

Essa aproximação pode ser identificada na concepção de que comportamentos são aprendidos em interação com o ambiente e podem ser modificados a partir de contingências adequadamente organizadas. Conforme Skinner afirma:

“O comportamento operante é moldado e mantido pelas suas consequências, e o ambiente exerce papel central na seleção das respostas emitidas pelo organismo” (SKINNER, 1981, p. 32).

Tal perspectiva parece ressoar no discurso da Metodologia Elos ao priorizar intervenções que criam contextos favoráveis ao desenvolvimento de competências socioemocionais, compreendidas como comportamentos passíveis de aprendizagem e fortalecimento a partir da experiência coletiva.

Paralelamente, levanta-se a hipótese de que o discurso da Metodologia Elos também dialoga com o construtivismo crítico de Paulo Freire, sobretudo no que se refere à centralidade do diálogo, da autonomia e do sentimento de pertencimento como elementos constitutivos dos processos educativos.

A ênfase na construção coletiva de sentidos, no reconhecimento dos sujeitos como protagonistas de suas trajetórias e na valorização das experiências

vividas aproxima a metodologia de uma concepção freireana de educação como prática de liberdade. Segundo Freire:

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”(FREIRE, 1987, p. 79).

Essa perspectiva permite compreender a Metodologia Elos como um discurso que, embora incorpore técnicas e fundamentos associados ao comportamentalismo, não se reduz a uma abordagem instrumental ou tecnicista, na medida em que reconhece a dimensão relacional, dialógica e contextual da aprendizagem e do desenvolvimento humano.

As questões de pesquisa que orientam o presente estudo concentram-se na análise dos fundamentos discursivos que sustentam a Metodologia Elos.

Nesse sentido, busca-se investigar de que modo os discursos comportamentalista e construtivista se manifestam na referida metodologia, considerando suas bases teóricas, pressupostos pedagógicos e práticas educativas.

Ademais, procura-se examinar a natureza da relação estabelecida entre esses discursos, indagando se entre eles há predominância de tensão, complementaridade ou contradição.

A análise dessas questões visa contribuir para uma compreensão mais aprofundada da Metodologia Elos, evidenciando os modos pelos quais diferentes matrizes teóricas se articulam, coexistem ou entram em conflito no interior de sua proposta pedagógica.

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia adotada neste estudo fundamenta-se na análise do discurso na perspectiva da arqueologia do saber, conforme elaborada por Michel Foucault.

Tal abordagem parte do pressuposto de que os discursos não são meros veículos neutros de ideias, mas práticas historicamente situadas que produzem saberes, regulam condutas e instituem relações de poder.

Nesse sentido, a análise discursiva permite compreender como determinados enunciados emergem, se estabilizam e passam a orientar práticas e modos de pensar no interior das instituições, entre elas, a escola.

A relevância da análise do discurso nessa perspectiva reside na possibilidade de apreender os modos de governamentalidade que operam no espaço escolar. A escola, enquanto instituição moderna, constitui-se como um campo privilegiado de produção e circulação de discursos que normatizam comportamentos, organizam saberes legitimados e moldam subjetividades.

No campo da análise do discurso, especialmente nas ciências humanas e na educação, as noções de conjugação, justaposição e conciliação entre discursos designam formas distintas de articulação discursiva e não devem ser tomadas como sinônimos.

A conjugação entre discursos ocorre quando diferentes formações discursivas operam de modo articulado e funcional, mantendo suas matrizes próprias, mas produzindo efeitos complementares, como se observa na associação entre discursos construtivistas e comportamentalistas em documentos pedagógicos que articulam autonomia e normatização (FOUCAULT, 1996, p. 21-22).

A justaposição entre discursos, por sua vez, refere-se à coexistência de enunciados heterogêneos sem integração efetiva, o que pode gerar tensões ou contradições internas, revelando disputas discursivas ou processos de transição histórica no interior dos textos institucionais (FOUCAULT, 2008, p. 30-31).

Já a conciliação entre discursos caracteriza-se por uma tentativa explícita de harmonização entre discursos potencialmente conflitantes, mediante a reconfiguração conceitual de determinados enunciados, frequentemente acompanhada do apagamento de dissensos e da produção de uma aparência de consenso e neutralidade.

Nessa operação, conceitos como autonomia são redefinidos para se adequarem a lógicas normativas de controle e autorregulação

(FOUCAULT, 1996, p. 9–11). Em chave foucaultiana, tais modalidades discursivas evidenciam diferentes tecnologias de poder: a justaposição torna visíveis rupturas e antagonismos, a conjugação revela estratégias de governo dos sujeitos, e a conciliação atua como mecanismo de normalização discursiva no âmbito institucional.

A arqueologia do saber, ao recusar explicações lineares e teleológicas, possibilita evidenciar como tais discursos se articulam a estratégias de governo das condutas, operando de forma difusa e capilar no cotidiano escolar.

Conforme Foucault, o discurso deve ser compreendido como uma prática que possui regras próprias de formação e funcionamento, e não apenas como expressão de uma intenção subjetiva ou reflexo de uma realidade objetiva. Nesse sentido, o autor afirma:

“Os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem” (FOUCAULT, 2008, p. 56).

Essa concepção é central para a análise proposta, pois permite identificar como diferentes discursos pedagógicos, psicológicos e educacionais coexistem, se tensionam ou se complementam no espaço escolar, produzindo efeitos específicos de poder e saber.

Além disso, Foucault destaca que o discurso está intrinsecamente ligado às condições históricas que tornam certos enunciados possíveis e legítimos:

“Não se trata de saber quem fala, mas de determinar as regras que tornam possível o aparecimento de determinados enunciados” (FOUCAULT, 2008, p. 31).

A partir dessa perspectiva, a análise discursiva não busca revelar um sentido oculto ou uma verdade subjacente aos discursos, mas compreender os regimes de verdade que os sustentam e os efeitos que produzem.

No contexto escolar, isso implica investigar como determinados discursos pedagógicos participam da constituição de práticas de governamentalidade, orientando formas de gestão dos corpos, dos comportamentos e das relações sociais.

Desse modo, a análise do discurso inspirada na arqueologia do saber mostra-se particularmente fecunda para compreender a escola como um espaço de produção de subjetividades e de exercício de poder, permitindo problematizar as racionalidades que sustentam as práticas educativas e os modos de condução das condutas no cotidiano escolar.

O corpus textual empregado na presente pesquisa será constituído por um conjunto de documentos institucionais e obras teóricas que possibilitam a análise discursiva da Metodologia Elos – Construindo Coletivos, bem como a compreensão de seus fundamentos pedagógicos, psicológicos e políticos.

A seleção do corpus fundamenta-se na necessidade de articular o discurso oficial da política pública com referenciais clássicos das ciências humanas, especialmente da análise do discurso, da psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem.

Integra o corpus, em primeiro lugar, o Guia do Componente Escolar da Metodologia Elos, (BRASIL, 2025), trata-se de um documento normativo que sistematiza a implementação da metodologia no contexto escolar, o qual será analisado como enunciado institucional produtor de sentidos no campo educacional e da prevenção:

No plano teórico-metodológico, o corpus incorpora também as contribuições de Michel Foucault, fundamentais para a análise do discurso enquanto prática social historicamente situada. A obra *A arqueologia do saber* (FOUCAULT, 2008) oferece subsídios para a compreensão das condições de possibilidade dos discursos, enquanto *A ordem do discurso* (FOUCAULT, 1998) permite analisar os mecanismos de controle, seleção e legitimação que atravessam as produções discursivas institucionais.

Além disso, o corpus contempla a obra *Ciência e comportamento humano* (SKINNER, 2003), que fornece aportes teóricos para a compreensão do reforço positivo enquanto estratégia de consolidação de comportamentos socialmente desejáveis, dialogando com os dispositivos de reconhecimento presentes na Metodologia Elos.

No campo da psicologia do desenvolvimento, inclui-se a obra *O juízo moral na criança* (PIAGET,

1994) que aborda a educação moral, a construção das regras e a passagem da heteronomia à autonomia, aspectos centrais para a análise das práticas cooperativas propostas pela metodologia.

Complementarmente, o corpus incorpora a obra *A formação social da mente* (VIGOTSKY, 2007), que compreende o desenvolvimento cognitivo como processo social e culturalmente mediado, permitindo analisar o papel das interações coletivas e da linguagem no desenvolvimento infantil.

Em consonância com os referenciais da pedagogia crítica, as obras *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* e *Pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire, constituem-se como fundamentos teórico-metodológicos centrais para a análise do discurso da Metodologia Elos no que se refere ao desenvolvimento da autonomia das crianças.

Tais obras oferecem categorias analíticas relevantes para a compreensão da autonomia como um processo histórico, ético e relacional, construído na práxis educativa e mediado pelo diálogo, pela problematização da realidade e pelo reconhecimento da criança como sujeito de direitos e de saberes.

Nesse sentido, a partir das contribuições freireanas, a análise do discurso da Metodologia Elos buscará identificar em que medida suas proposições pedagógicas se articulam com uma concepção de educação voltada à emancipação, à formação da consciência crítica e à promoção da autonomia, em oposição a práticas educativas de caráter verticalizado e heterônomo (FREIRE, 1987; FREIRE, 1996).

Dessa forma, o corpus textual articula documentos normativos e referenciais teóricos clássicos, possibilitando uma análise interdisciplinar da Metodologia Elos – *Construindo Coletivos*, situada na interface entre educação, saúde, cidadania e discurso.

A análise de discurso a ser desenvolvida terá como objetivos:

Identificar os discursos de matriz comportamentalista e construtivista presentes no *Guia do Componente Escolar – Elos Construindo*

Coletivos e na formulação da Metodologia Elos, considerando seus enunciados, conceitos e estratégias de produção de sentido.

Analisar os modos pelos quais tais discursos se articulam, se justapõem ou se tensionam no interior do texto institucional, observando suas condições de emergência, seus regimes de verdade e seus efeitos de legitimação no campo educacional.

Mapear as regularidades discursivas que atravessam o material analisado, identificando recorrências terminológicas, semânticas e normativas que estruturam a proposta metodológica e orientam a construção dos sujeitos pedagógicos envolvidos.

Relacionar os discursos identificados às práticas pedagógicas propostas pela metodologia, buscando compreender como os enunciados teóricos se materializam em dispositivos concretos de intervenção, tais como o *Jogo Elos*, os acordos de convivência, as devolutivas instrutivas e os mecanismos de reconhecimento.

Compreender os efeitos desses discursos na constituição de práticas educativas voltadas à cooperação, à autonomia, ao engajamento escolar e à regulação dos comportamentos, situando a Metodologia Elos no contexto das políticas públicas de educação, saúde e cidadania.

A análise do discurso, na perspectiva foucaultiana, distancia-se de abordagens que concebem o discurso como mera expressão de intenções individuais ou simples reflexo de uma realidade objetiva.

Para Michel Foucault, os discursos devem ser compreendidos como práticas históricas e sociais que produzem efeitos de verdade e se inscrevem em relações de poder. Nesse sentido, a arqueologia do saber constitui um método de investigação que busca descrever as condições históricas de possibilidade dos discursos, isto é, as regras que determinam o que pode ser dito, por quem, em que contexto e com que efeitos.

Pela ótica de Michel Foucault (1996, p. 17-18), os discursos são construtos sociais que carregam marcas de sua época, bem como vestígios de formações discursivas anteriores.

Eles não apenas refletem disputas de poder, mas também as produzem e as reorganizam, funcionando como instrumentos por meio dos quais determinadas verdades se impõem socialmente. Assim, o discurso é simultaneamente objeto e operador do poder, uma vez que participa da constituição dos saberes legítimos em uma determinada conjuntura histórica.

Na Arqueologia do saber, Foucault enfatiza que sua proposta não consiste em buscar a origem última dos discursos nem a intenção subjetiva de seus autores, mas em analisar os sistemas de dispersão que organizam os enunciados, como os discursos se relacionam em suas exterioridades, como um discurso se relaciona com outros discursos.

O discurso, nessa perspectiva, é entendido como um conjunto de enunciados regulados por regras específicas de formação, que não são necessariamente conscientes para os sujeitos que falam. Conforme afirma o autor:

“A arqueologia descreve os discursos como práticas especificadas no elemento do arquivo. Não interroga o discurso sobre o que ele quer dizer, mas sobre o que o torna possível” (FOUCAULT, 2008, p. 149).

Desse modo, a arqueologia foucaultiana volta-se para a análise das regularidades discursivas, buscando identificar as condições históricas que permitem o aparecimento, a permanência ou o desaparecimento de determinados enunciados.

O poder, nessa abordagem, não é concebido como algo centralizado ou exclusivamente repressivo, mas como uma rede de relações que atravessa os discursos e se manifesta na produção dos saberes socialmente validados. Como observa Foucault:

“O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, e pelo que, se luta; o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2008, p. 10).

A arqueologia do discurso, portanto, permite compreender como certos regimes de verdade se constituem historicamente, revelando os mecanismos pelos quais determinados discursos se legitimam em detrimento de outros.

Ao evidenciar as relações entre saber e poder, a análise arqueológica contribui para desnaturalizar verdades estabelecidas, mostrando

que elas são produtos de condições históricas específicas e de disputas simbólicas e políticas.

Assim, o método arqueológico proposto por Foucault oferece um instrumental teórico relevante para a investigação crítica dos discursos, ao evidenciar seu caráter histórico, contingente e profundamente imbricado nas relações de poder.

Conforme argumentam Cunha e Steinberger-Elias, em diálogo com o pensamento foucaultiano, os discursos encontram-se organizados em sistemas que possibilitam sua retomada e análise, permitindo a identificação das regularidades que orientam sua construção. Nesse sentido, afirmam os autores:

Os discursos estão associados a um contexto, trazem as marcas de uma época, estão “guardados” pela memória, ou, como afirma Michel Foucault, os discursos estão disponíveis “no arquivo”, de tal modo que, ao acessá-los, podemos observar as leis que regem sua construção e as motivações de suas escolhas, que são sempre, em suas regularidades, regras estabelecidas institucionalmente. (CUNHA; STEINBERGER-ELIAS, 2017, p. 4).

A noção de “arquivo”, conforme mobilizada a partir de Michel Foucault, não se restringe a um conjunto físico de documentos, mas refere-se ao sistema de enunciabilidade que define as condições históricas de possibilidade dos discursos.

O arquivo, nesse sentido, estabelece os limites do dizível e organiza os regimes de verdade que operam em determinado campo institucional.

À luz dessa concepção, o presente estudo será centrado em recortes do Guia Escolar (BRASIL, 2025), o qual será tomado como o “arquivo” e, portanto, como o objeto principal da análise.

Considerar o Guia Escolar como arquivo implica compreendê-lo como um dispositivo discursivo institucional que materializa saberes legitimados, normas pedagógicas e orientações oficiais, revelando as regularidades, silenciamentos e escolhas discursivas que estruturam o campo educacional no qual se insere.

Dessa forma, a análise do discurso permitirá examinar as condições de produção desses enunciados, bem como suas implicações na constituição de práticas e sentidos no contexto escolar.

O Guia do Componente Escolar da Metodologia Elos Construindo Coletivos (BRASIL, 2025) configura-se como um material técnico-pedagógico de caráter institucional, destinado prioritariamente aos docentes que atuam como facilitadores da metodologia no contexto escolar.

O documento tem como objetivo orientar a implementação do Jogo Elos e das demais estratégias pedagógicas associadas à metodologia, oferecendo fundamentos conceituais, diretrizes metodológicas e orientações práticas para a condução das atividades em sala de aula.

O referido guia foi produzido e editado pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas e Gestão de Ativos (SENAD), vinculada ao Ministério da Justiça e Segurança Pública, em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), o que lhe confere legitimidade técnica e científica no âmbito das políticas públicas de prevenção e promoção da saúde no ambiente escolar.

Trata-se, portanto, de um documento que articula saberes provenientes dos campos da educação, da psicologia e da saúde coletiva, traduzidos em um material normativo-formativo voltado à prática docente.

Como ponto de partida teórico-metodológico, o guia fundamenta-se no The Good Behavior Game (GBG), desenvolvido por Carla B. Ford, Jeanne M. Poduska, Sheppard G. Kellam e Judi Litman (2013), documento esse no início, adaptado pelo Ministério da Saúde.

A metodologia Elos apropria-se desse modelo originalmente concebido no contexto internacional, promovendo adaptações ao cenário educacional brasileiro e às diretrizes das políticas públicas nacionais.

Nesse processo, o GBG é ressignificado como um dispositivo pedagógico voltado à promoção da colaboração, do autocontrole e da convivência coletiva, afastando-se de perspectivas estritamente comportamentalistas e incorporando elementos de mediação pedagógica e construção coletiva de regras em contexto muito específico da Ciência da Prevenção.

No que se refere à constituição do corpus, os

trechos analisados no presente estudo foram selecionados com base no critério de comodidade da pesquisa, considerando-se a relevância temática dos excertos para os objetivos propostos.

Assim, foram privilegiados, fundamentalmente, os segmentos do documento que abordam processos de socialização do conhecimento e da aprendizagem, as noções de autonomia e heteronomia no contexto escolar, bem como as práticas de devolutivas e de celebração no âmbito do Jogo Elos.

Esses elementos são compreendidos como centrais para a análise dos discursos pedagógicos que sustentam a metodologia, na medida em que evidenciam concepções de sujeito, aprendizagem e convivência coletiva mobilizadas pelo guia.

Dessa forma, o Guia do Componente Escolar da Metodologia Elos Construindo Coletivos (BRASIL, 2025) é tomado como um documento-chave para a compreensão dos pressupostos pedagógicos e discursivos da metodologia, constituindo-se como um objeto privilegiado de análise para investigar as regularidades, tensões e articulações entre saberes pedagógicos, psicológicos e institucionais presentes na proposta.

Os procedimentos metodológicos desta pesquisa podem ser assim descritos:

Inicialmente, realizou-se uma leitura exploratória do documento Guia do Componente Escolar da Metodologia Elos Construindo Coletivos (BRASIL, 2025), com o objetivo de apreender sua organização geral, seus objetivos declarados, sua linguagem institucional e os eixos temáticos predominantes.

Essa etapa permitiu a familiarização com o material e a identificação preliminar de regularidades discursivas, bem como de silenciamentos e ênfases recorrentes.

Na sequência, procedeu-se à identificação de enunciados normativos e de estratégias de prescrição de condutas presentes no documento.

Essa etapa buscou mapear os modos pelos quais o discurso institucional orienta práticas pedagógicas, define papéis para docentes e

estudantes e estabelece padrões de comportamento considerados desejáveis no contexto escolar.

Tal abordagem dialoga diretamente com a concepção foucaultiana de que o discurso é atravessado por procedimentos de controle e seleção, conforme explicita o autor:

“Em toda sociedade, a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos” (FOUCAULT, 1996, p. 8).

Em um terceiro momento, a análise concentrou-se na identificação de discursos pedagógicos inspirados no comportamentalismo, no construtivismo e no socioconstrutivismo, buscando compreender como essas matrizes teóricas são mobilizadas, articuladas ou tensionadas no interior do documento.

Tal procedimento permitiu observar a coexistência de diferentes racionalidades pedagógicas, bem como os efeitos de sentido produzidos por essa articulação no que se refere às concepções de aprendizagem, socialização, autonomia, heteronomia e regulação das condutas, os conceitos de devolutivas e celebração e suas aplicabilidades.

Essa etapa da análise fundamenta-se na compreensão de que os discursos não são homogêneos, mas resultam de disputas e acomodações entre diferentes formações discursivas, as quais se inscrevem em jogos de poder e saber. Conforme aponta Foucault:

“O discurso não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, e pelo que, se luta” (FOUCAULT, 1996, p. 10).

Dessa forma, os procedimentos metodológicos adotados visam não apenas descrever o conteúdo do documento analisado, mas compreender os mecanismos discursivos que sustentam suas proposições pedagógicas, evidenciando as relações entre saber, poder e práticas educativas.

A análise do discurso, nesse sentido, possibilita problematizar as verdades instituídas no

material, bem como os modos de subjetivação que ele promove no contexto escolar.

RESULTADOS

A análise do discurso, na perspectiva da arqueologia do saber proposta por Michel Foucault, desloca o foco da intenção dos sujeitos ou da linearidade histórica das ideias para as condições de possibilidade que tornam certos enunciados dizíveis em determinados contextos históricos.

Em A ordem do discurso, Foucault (1996) enfatiza que os discursos são regulados por procedimentos de controle, seleção e distribuição, que delimitam o que pode ser dito, quem pode dizer e em que condições. Assim, mais do que simples instrumentos de comunicação, os discursos participam ativamente da produção de saberes e da constituição de sujeitos.

Ao se analisar excertos normativos presentes em documentos educacionais contemporâneos, como aqueles que orientam práticas de mediação comportamental no contexto escolar, tal qual o Guia do Componente Escolar da Metodologia Elos – Construindo Coletivos (BRASIL, 2025), torna-se possível identificar regularidades discursivas que dialogam, de maneira explícita ou implícita, com o campo do comportamentalismo formulado por B. F. Skinner.

Em Ciência e comportamento humano, Skinner (2003) concebe o comportamento como produto de contingências ambientais, passível de modificação por meio de reforços positivos e negativos, sendo a educação um espaço privilegiado de controle e modelagem comportamental.

“O comportamento humano é em grande parte determinado pelas consequências que o seguem. As respostas que produzem consequências reforçadoras tendem a ser repetidas, enquanto aquelas seguidas por consequências aversivas ou pela ausência de reforço tendem a enfraquecer. Ao modificar as contingências de reforço, torna-se possível alterar o comportamento” (SKINNER, 2003, p. 23).

Os excertos analisados evidenciam a centralidade das regras e dos acordos como dispositivos discursivos que organizam as condutas infantis. Ao orientar que a quebra de um acordo seja

imediatamente descrita em tom neutro, observa-se a tentativa de afastamento do caráter punitivo explícito, ao mesmo tempo em que se mantém a função reguladora da norma:

“Quando uma criança ou equipe quebrar um acordo, descreva imediatamente a quebra à equipe, em tom de voz neutro, uma devolutiva (que pode ocorrer com a entrega de cartão de Devolutiva Oops)” (BRASIL, 2025, p. 37).

Esse enunciado revela uma linguagem prescritiva e normatizadora que, embora se apresente como descritiva e não punitiva, opera como mecanismo de controle dos comportamentos. Tal funcionamento discursivo aproxima-se da lógica skinneriana, na medida em que a descrição da quebra do acordo atua como estímulo discriminativo, sinalizando quais comportamentos são indesejáveis dentro daquele sistema de regras.

Essa racionalidade é reforçada pelo enunciado que explicita a função comunicativa da intervenção, negando seu caráter sancionatório:

“Essa condução deve cumprir a função de somente comunicar, sem punir” (BRASIL, 2025, p. 37).

Do ponto de vista foucaultiano, essa negação da punição não implica ausência de poder. Ao contrário, evidencia uma forma mais sofisticada de exercício do poder disciplinar, que se distancia da sanção corporal ou explícita e se aproxima de mecanismos sutis de normalização. Foucault (1987) destaca que o poder moderno não se exerce prioritariamente pela repressão, mas pela produção de condutas ajustadas e reguladas.

“A disciplina ‘fabrica’ indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. Não é um poder triunfante que se manifesta pelo espetáculo, mas um poder modesto, desconfiado, que funciona como uma economia calculada, permanente e minuciosa” (FOUCAULT, 1987, p. 143).

O uso sistemático do reforço positivo, por sua vez, aproxima-se ainda mais diretamente do arcabouço teórico do comportamentalismo. O elogio é apresentado como técnica central de fortalecimento de comportamentos desejados:

“Realizar elogios, valorizando a equipe toda, sempre que possível, descrevendo o

que a criança ou equipe está fazendo ao demonstrar comprometimento com os acordos e combinados. Quanto mais específicos os elogios, mais eficazes eles serão, porque indicarão às crianças exatamente o que está sendo valorizado e esperado delas, aumentando a chance de repetirem as ações que foram elogiadas no futuro” (BRASIL, 2025, p. 37).

Nesse excerto, observa-se com clareza a noção skinneriana de reforço positivo, segundo a qual a probabilidade de repetição de um comportamento aumenta quando este é seguido por consequências agradáveis (SKINNER, 2003). Ao mesmo tempo, do ponto de vista arqueológico, o discurso constrói um sujeito pedagógico autocontrolado, que internaliza as normas a partir da identificação do que é valorizado e esperado, ajustando suas ações às expectativas institucionais.

As práticas de celebração coletiva também operam como dispositivos de reforço simbólico e social, substituindo a punição individual por recompensas compartilhadas:

“A ação de celebração pode configurar a celebração diária que deve ocorrer após cada partida, mas é recomendado que juntamente com ela, possa haver uma celebração não material. Por exemplo: uma salva de palmas às equipes conquistadoras; uma brincadeira...” (BRASIL, 2025, p. 38).

“Ao final de uma semana, verifique o Cartaz de Pontuação Semanal do jogo Elos. Se todas as equipes tiverem conquistado pelo menos 1 partida naquela semana, proponha a Celebração Surpresa. [...] Comemorem com alegria os ganhos coletivos...” (BRASIL, 2025, p. 38).

Esses enunciados evidenciam a produção de sujeitos ajustados não apenas individualmente, mas coletivamente, reforçando comportamentos considerados adequados por meio da valorização pública e da celebração. Em termos foucaultianos, trata-se de uma tecnologia de poder que articula normalização e pertencimento, produzindo sujeitos que desejam corresponder às normas para permanecer integrados ao grupo.

A articulação entre observação, registro de comportamentos e devolutivas remete ainda à noção de panoptismo desenvolvida por Foucault em Vigiar e punir. No modelo panóptico, o controle se efetiva menos pela coerção direta e mais pela internalização

da vigilância, levando os indivíduos a regularem a si mesmos (FOUCAULT, 1987).

A constante observação das condutas, o registro das quebras de acordos e a devolutiva imediata configuram um campo de visibilidade permanente, no qual as crianças passam a se perceber como objetos de observação e avaliação contínuas.

“O efeito mais importante do Panóptico é induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. [...] Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar inútil a atualidade de seu exercício” (FOUCAULT, 1987, p. 166).

No excerto supracitado, é suficiente considerar a perspectiva foucaultiana, segundo a qual a instituição escolar pode ser compreendida de modo análogo ao sistema prisional, enquanto tecnologia de controle dos corpos e de exercício difuso do poder, transpondo-se, assim, as formulações originalmente dirigidas ao detento para a análise das práticas e dos sujeitos escolares. (FOUCAULT, 1987)

Dessa forma, embora o discurso analisado se apresente como não punitivo e orientado ao desenvolvimento de habilidades sociais, ele participa da produção de sujeitos autocontrolados, regulados e normalizados. A aproximação com o comportamentalismo de Skinner é evidente na centralidade do reforço positivo e na concepção do comportamento como passível de modelagem.

O distanciamento, por outro lado, pode ser identificado na incorporação de elementos discursivos que enfatizam a autonomia, a troca de experiência entre os pares, o sentimento de coletividade, a mediação de diálogos e o pensamento crítico em relação aos acordos mais adequados para o grupo em condições específicas, aspectos menos centrais na formulação skinneriana clássica.

A análise arqueológica permite, assim, compreender que tais práticas não são neutras ou meramente técnicas, mas se inscrevem em uma formação discursiva específica, atravessada por relações de poder e saber. Ao colocar em funcionamento regras, acordos, registros e

celebrações, o discurso pedagógico analisado contribui para a produção de determinados modos de subjetivação, alinhados a ideais de autorregulação, ajuste comportamental e conformidade normativa, características centrais das sociedades disciplinares descritas por Foucault.

Observa-se, nos excertos analisados a seguir, uma regularidade discursiva que enfatiza a participação infantil na construção das normas, sugerindo um deslocamento em relação a modelos estritamente heterônomos, propondo uma hibridação discursiva que busca conciliar o comportamentalismo com o construtivismo e o socioconstrutivismo. Tal deslocamento pode ser identificado no seguinte enunciado:

“A implementação da Metodologia Elos nos mostrou que sua prática leva as crianças começarem a sugerir novos combinados para cada acordo e/ou refletir sobre os combinados propostos pelas pessoas adultas.” (BRASIL, 2025, p. 38).

Esse enunciado aproxima-se da concepção piagetiana de autonomia moral, segundo a qual a criança desenvolve juízos morais autônomos à medida que participa da elaboração das regras e compreende sua função social. Conforme Piaget:

“A autonomia aparece quando o indivíduo descobre que a necessidade da regra é imanente às próprias relações sociais.” (PIAGET, 1994, p. 64).

Entretanto, a arqueologia do saber permite evidenciar que essa autonomia emerge em um campo discursivo previamente estruturado. Os enunciados que orientam a reflexão coletiva revelam uma mediação adulta que organiza as condições do diálogo:

“A partir da Consolidação, se isso ainda não aconteceu, sugerimos que incentive a turma a refletir junto com você: ‘Se vocês vão trabalhar em duplas, qual o nível de voz preferem usar? Por quê?’” (BRASIL, 2025, p. 39).

Essa forma de condução discursiva aproxima-se da perspectiva vigotskiana, para a qual o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores ocorre por meio da mediação social e simbólica:

“Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos.” (VIGOTSKY, 2007, p. 57).

Assim, a autonomia infantil, longe de ser espontânea, é produzida discursivamente por meio de práticas mediadas, nas quais a linguagem ocupa papel central na regulação das condutas.

A centralidade da linguagem normativa torna-se ainda mais evidente quando a metodologia orienta a discussão de exemplos concretos e das consequências das ações:

“Em quaisquer atividades utilizadas para apresentar os quatro acordos do jogo Elos à turma, discuta exemplos concretos do que é cumpri-los. É importante ajudar a turma a refletir sobre as variações de contexto de atividades, destacando as consequências individuais e coletivas de cada forma de agir.” (BRASIL, 2025, p. 31).

Do ponto de vista foucaultiano, tais enunciados produzem sujeitos reflexivos que aprendem a avaliar a si mesmos, antecipando os efeitos de suas ações. Trata-se de uma tecnologia discursiva de normalização, que desloca o controle do plano da coerção direta para o da autorregulação.

Essa produção discursiva está articulada a instâncias institucionais mais amplas, como evidenciado no seguinte excerto:

“Seja qual for a maneira como você preferir apresentar os acordos e combinados, ela deve ser coerente para as crianças em seu contexto cultural, estando de acordo com as especificidades de cada turma, bem como em concordância com os valores da escola e seu Projeto Político Pedagógico.” (BRASIL, 2025, p. 31).

Aqui, observa-se a inscrição do discurso pedagógico em um regime institucional de verdade, no qual a escola aparece como instância legítima de definição dos valores e comportamentos desejáveis, produzindo sujeitos ajustados às normas coletivas.

Os excertos que enfatizam a formação de grupos heterogêneos e a ampliação das relações sociais mobilizam um discurso de aprendizagem coletiva e convivência democrática:

“Temos o propósito de favorecer, nestes grupos, trocas e aprendizagens de tolerância, além de ampliar o universo de relações sociais das pessoas participantes.” (BRASIL, 2025, p. 15).

Esse discurso aproxima-se da pedagogia freireana, que compreende a educação como prática dialógica e coletiva:

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” (FREIRE, 1987, p. 79).

No entanto, a arqueologia do saber permite evidenciar uma tensão: embora o discurso convoque diálogo e troca, ele opera dentro de uma estrutura normativa previamente estabelecida, na qual os objetivos formativos já estão definidos.

A referência explícita a Piaget como fundamento teórico da metodologia reforça a filiação construtivista do discurso:

“A utilização de jogos cooperativos no processo de ensino-aprendizagem [...] é pautada pelas proposições de Piaget, uma vez que esse momento do desenvolvimento infantil coincide com o período de Operações Concretas.” (BRASIL, 2025, p. 15).

Todavia, ao articular desenvolvimento cognitivo, competências socioemocionais e valores transformadores, o discurso pedagógico amplia seu alcance para a produção de sujeitos coletivos:

“Trata-se de possibilitar o acesso a condições de fortalecimento de uma prática pedagógica que contemple a formação de sujeitos coletivos em todas as suas dimensões.” (BRASIL, 2025, p. 9).

Essa formulação dialoga com Freire, especialmente no que se refere à autonomia como construção ética e política:

“Ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando.” (FREIRE, 1996, p. 59).

Contudo, do ponto de vista foucaultiano, a autonomia aqui proposta não se opõe ao poder, mas é produzida no interior de relações discursivas que visam à formação de sujeitos participativos, cooperativos e governáveis.

Por fim, a criação de identidades coletivas para as equipes evidencia a articulação entre protagonismo infantil e pertencimento grupal:

“Após a apresentação dos Acordos do jogo Elos, você irá propor à turma a criação de uma identidade para cada equipe, com o objetivo de favorecer a motivação para jogar e proporcionar uma primeira experiência de tomada de decisão coletiva.” (BRASIL, 2025, p. 32).

Essa prática aproxima-se das concepções de cooperação em Vygotsky e de diálogo em Freire, mas também pode ser compreendida, em chave

foucaultiana, como um dispositivo de subjetivação que produz identidades coletivas reguladas.

No contexto da sociedade brasileira — marcada por uma democracia recente e por experiências históricas de autoritarismo —, esses discursos pedagógicos adquirem um sentido particular. A valorização do diálogo, da participação e da autonomia pode ser lida como resposta histórica a práticas educativas heterônomas. Contudo, a arqueologia do saber permite problematizar se tais práticas conduzem à emancipação plena ou se constituem formas refinadas de governo, nas quais a produção de sujeitos autônomos ocorre sob condições cuidadosamente delimitadas por discursos institucionais legitimados.

DISCUSSÃO

Os resultados da análise de discurso evidenciam que a Metodologia Elos – Construindo Coletivos, tal como apresentada no Guia do Componente Escolar (BRASIL, 2025), constitui-se como um dispositivo pedagógico híbrido, conjugado, cuja tensões entre duas matrizes teóricas, os discursos construtivista e comportamentalistas foram atenuados, o que leva a desconsiderar os fenômenos de justaposição e conciliação como relevantes no quadro geral da análise.

Sob a ótica da arqueologia do saber de Michel Foucault (2008), essa coexistência não deve ser compreendida como simples incoerência teórica, mas como efeito de uma formação discursiva que articula saberes distintos em resposta a demandas históricas, sociais e institucionais específicas.

Do ponto de vista foucaultiano, o arquivo analisado revela regularidades discursivas que inscrevem a metodologia em um regime de saber-poder característico das sociedades disciplinares. A centralidade das regras, dos acordos, do registro de comportamentos e das devolutivas configura práticas de normalização que produzem sujeitos autocontrolados e regulados. Como afirma Foucault:

“A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’.” (FOUCAULT, 1987, p. 118).

Nesse sentido, a aproximação com o comportamentalismo skinneriano é evidente. O uso

sistemático de reforços positivos, elogios específicos e celebrações coletivas revela a concepção do comportamento como passível de modelagem a partir das contingências ambientais. Conforme Skinner:

“O comportamento humano é em grande parte determinado pelas consequências que o seguem.” (SKINNER, 2003, p. 23).

Entretanto, diferentemente de um comportamentalismo clássico estrito, o discurso da Metodologia Elos não se limita à modificação direta do comportamento observável. Observa-se um deslocamento discursivo que incorpora elementos do construtivismo piagetiano e do socioconstrutivismo vigotskiano, especialmente no que diz respeito à participação infantil na elaboração dos combinados e à valorização da reflexão coletiva.

A proposição de que as crianças sugiram novos acordos ou reflitam sobre aqueles apresentados pelos adultos aproxima-se da noção de autonomia moral em Piaget, segundo a qual a regra deixa de ser mera imposição externa e passa a ser compreendida como produto da cooperação social:

“A autonomia aparece quando o indivíduo descobre que a necessidade da regra é imanente às próprias relações sociais.” (PIAGET, 1994, p. 64).

Todavia, a análise arqueológica evidencia que essa autonomia é cuidadosamente mediada e conduzida. As reflexões propostas às crianças ocorrem dentro de um quadro normativo previamente estabelecido, no qual o adulto organiza as condições do diálogo e delimita o campo do dizível. Tal configuração aproxima-se da perspectiva de Vigotsky, para quem o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores ocorre por meio da mediação social e simbólica:

“Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos.” (VIGOTSKY, 2007, p. 57).

Nesse ponto, emerge uma tensão discursiva central: a metodologia articula a promoção da autonomia e do protagonismo infantil com práticas de vigilância, registro e avaliação contínua. Essa tensão pode ser compreendida, em chave foucaultiana, como efeito da racionalidade governamental moderna, na qual o poder se exerce menos pela coerção direta e mais pela produção de

sujeitos que se autorregulam. Como assinala Foucault ao tratar do panoptismo:

“O efeito mais importante do Panóptico é induzir no indivíduo um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder.” (FOUCAULT, 1987, p. 166).

Assim, a autonomia promovida pelo discurso pedagógico analisado não se opõe ao poder, mas constitui-se como uma de suas formas de exercício. Trata-se de uma autonomia regulada, produzida no interior de dispositivos que orientam condutas, definem valores desejáveis e delimitam os horizontes da ação infantil.

A incorporação de elementos da pedagogia freireana acrescenta outra camada a essa hibridação discursiva. A valorização do diálogo, da aprendizagem coletiva, da troca de experiências e da formação de sujeitos coletivos remete diretamente às proposições de Freire, para quem a educação é uma prática política e relacional:

“A educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 78).

Além disso, a ênfase no respeito à autonomia do educando, presente no discurso da metodologia, encontra ressonância em Pedagogia da autonomia:

“Ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando.” (FREIRE, 1996, p. 59).

No entanto, a arqueologia do saber permite problematizar essa apropriação do discurso freireano. Embora categorias como diálogo, protagonismo e coletividade estejam presentes, elas operam dentro de um dispositivo institucional fortemente normatizado, no qual os objetivos formativos já estão definidos e alinhados aos valores da escola e ao Projeto Político-Pedagógico. Desse modo, o diálogo assume frequentemente a forma de uma técnica pedagógica orientada à produção de consensos e à adesão às normas, mais do que de um processo aberto de problematização radical da realidade.

No contexto da sociedade brasileira — marcada por uma democracia recente e por experiências históricas de autoritarismo —, essa hibridação discursiva adquire um significado

particular. A valorização da participação, da escuta e da decisão coletiva pode ser lida como resposta histórica a práticas educativas heterônomas e autoritárias. Contudo, como indica Foucault, os dispositivos modernos de poder não desaparecem com o discurso democrático; eles se reconfiguram:

“O poder não se exerce simplesmente como obrigação ou proibição, mas como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social.” (FOUCAULT, 1987, p. 119).

Dessa forma, a Metodologia Elos pode ser compreendida como um dispositivo pedagógico contemporâneo que articula discursos comportamentalistas, construtivistas, socioconstrutivistas e críticos, produzindo um campo de ambiguidades e tensões. A coexistência desses discursos não resulta em síntese harmoniosa, mas em uma sobreposição que permite tanto a promoção de experiências coletivas significativas quanto a intensificação de mecanismos sutis de governo.

Em síntese, a discussão dos resultados evidencia que a Metodologia Elos – Construindo Coletivos opera como um espaço de hibridação discursiva, no qual se articulam práticas de controle e estratégias de participação, produção de sujeitos regulados e promoção de autonomia mediada. A arqueologia do saber possibilita, assim, compreender que tais ambiguidades não constituem falhas do dispositivo, mas efeitos próprios de uma formação discursiva situada historicamente, que responde às exigências de uma sociedade democrática em construção, sem romper completamente com as lógicas disciplinares que a antecederam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises desenvolvidas ao longo deste estudo permitem afirmar que o discurso presente no Guia do Componente Escolar da Metodologia Elos – Construindo Coletivos (BRASIL, 2025) materializa-se em práticas pedagógicas orientadas, de modo explícito, à modelação de comportamentos e ao desenvolvimento de habilidades sociais das crianças no contexto escolar.

Trata-se de um discurso que articula práticas no cotidiano escolar, por meio de

conjugação, mostra por tanto, tecnologias de governo dos sujeitos, sem ocorrer rupturas e disputas evidentes, ostensivas, entre os discursos comportamentalista, construtivista e socioconstrutivista, por vezes opera como uma estratégia de normalização discursiva, de maneira pragmática, organizando intervenções educativas voltadas à regulação das condutas, à convivência coletiva e à promoção de formas mediadas de autonomia.

A presença de justaposições discursivas cujas tensões se mostram significativamente tênues, uma vez que os enunciados potencialmente divergentes são apresentados de forma complementar, porém sem rupturas significativas no plano argumentativo,

As ações propostas pela metodologia — como a elaboração e o acompanhamento de acordos, o uso de reforços positivos, a valorização da reflexão coletiva e a mediação adulta — indicam uma compreensão do ambiente escolar como espaço privilegiado de intervenção psicossocial.

Nesse sentido, tais práticas podem contribuir para o desenvolvimento psicossocial das crianças, ao favorecer competências comunicacionais, afetivas e cooperativas, bem como ao instrumentalizá-las para a construção de processos de autorregulação e autonomia progressiva.

Ao deslocar o foco do conhecimento sobre substâncias para o fortalecimento de habilidades sociais e de vínculos coletivos, o discurso da Metodologia Elos apresenta-se também como estratégia preventiva, na medida em que a promoção de pertencimento, diálogo e participação pode reduzir a probabilidade de relações problemáticas com substâncias com a emergência da adolescência e da vida adulta em momentos futuros.

Ademais, a organização de práticas cooperativas e de aprendizagem compartilhada tende a impactar positivamente o clima escolar, contribuindo para o aprimoramento das habilidades cognitivas, da capacidade de aprendizagem colaborativa e, potencialmente, para a redução de conflitos e violências no ambiente escolar.

Outro aspecto relevante evidenciado é a ênfase na intersetorialidade e na interdisciplinaridade, uma vez que o uso problemático de substâncias é compreendido como responsabilidade compartilhada entre escola, famílias, profissionais da saúde e demais atores da comunidade escolar. Tal perspectiva reforça a constituição de uma rede de proteção, ampliando o alcance das ações pedagógicas para além dos limites institucionais da escola e situando-a como parte ativa de um campo mais amplo de cuidado e prevenção.

Do ponto de vista discursivo, a Metodologia Elos configura-se, portanto, como um dispositivo híbrido, marcado por tensões internas entre racionalidades comportamentalistas, construtivistas e socioconstrutivistas.

Essas tensões não são resolvidas teoricamente, mas administradas de forma pragmática, por meio da organização objetiva de práticas adaptáveis ao cotidiano escolar. Tal característica produz efeitos relevantes sobre a prática docente, ao provocar reflexões sobre os limites e as possibilidades de aplicação de referenciais teóricos complexos em contextos concretos de sala de aula.

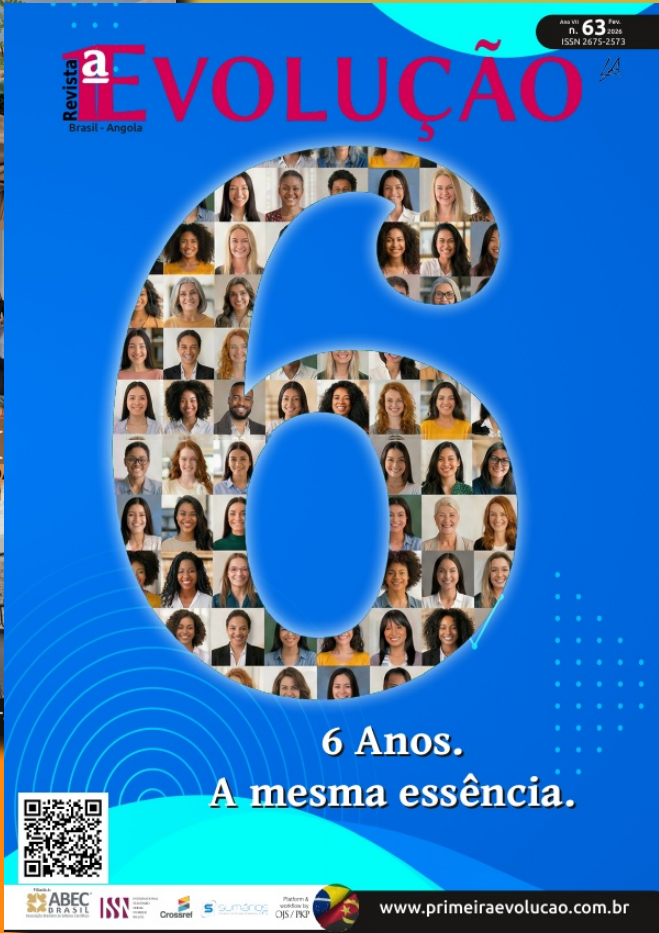
Por fim, este estudo abre espaço para investigações futuras, entre as quais se destacam:

- Quais são os efeitos de longo prazo dessas práticas na constituição da autonomia moral e social dos estudantes?
- Como os educadores negociam, na prática pedagógica, as tensões entre controle, mediação e protagonismo infantil?
- Em que medida a Metodologia Elos contribui efetivamente para a redução de violências escolares e para a prevenção de comportamentos de risco?
- Como a intersetorialidade proposta pelo discurso se concretiza nas relações entre escola, família, saúde e comunidade?

Tais questões indicam que a Metodologia Elos – Construindo Coletivos constitui um campo fértil para novas análises discursivas e empíricas, capazes de aprofundar a compreensão de seus efeitos pedagógicos, sociais e políticos no contexto da educação brasileira contemporânea.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública; Fundação Oswaldo Cruz; Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD). **Guia do Componente Escolar** – Elos Construindo Coletivos. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública; FIOCRUZ; SENAD, 2025. 92 p.
- CUNHA, M.; STEINBERGER-ELIAS, M. B. As Origens Ideológicas do Uso de Blogs no Ensino de Ciências: Uma Arqueologia da Educomunicação. In: **XL Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2017, Curitiba. Anais do XL Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- JOHANSSON, Magnus; BIGLAN, Anthony; EMBRY, Dennis. The PAX good behavior game: one model for evolving a more nurturing society. **Clinical child and family psychology review**, v. 23, n. 4, p. 462-482, 2020.
- PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994.
- SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- VIGOTSKY, Lev Semionovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.



www.primeiraevolucao.com.br



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.63>



COORDENAÇÃO:
 Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
 Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
 Profa. Esp. Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

- Adriana Pereira Santos da Silva
- Adriana Silva de Santana Barros
- Amanda Zuza dos Anjos
- Bianca de Assis Pirahy
- Calunda dos S. Jorge / Júnior Zacarias M.Paca
- Capuma E. Eduardo / Wilson V. Gomes Anilba
- Cícera da Silva Ramos
- Cláudia Reolo da Silva Ferreira
- Denise Teixeira Santos Menezes
- Edson da Conceição Graça
- Elizabeth Aparecida Feitosa Lima
- Flávia de Fatima Seraphim Ribeiro
- Joice de Andrade Silva
- José Manuel dos Santos
- Leandro de Almeida Oliveira
- Lilian Silvana Minho Zanetta
- Luciane de Jesus Mineiro de Lima
- Lucoque Bernardo
- Manuel Paulo Chamorro
- Marcelo Cunha
- Marli Aparecida Rosa
- Maria de Lourdes Ferreira da Silva
- Orlaneide Ferreira Santos Diamante
- Paula Dulcídio Rosseto
- Renata da Costa Braz
- Simone Gomes de Macêdo Miranda Ferreira
- Ucaca Venâncio Antônio

Indexadores: _____



Filiada à:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



Parceiros:

